

---

# **NA VERTIGEM DO DIA**

**PREFÁCIO  
ALCIDES VILLAÇA**

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Ferreira Gullar

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*

Elaine Ramos

*Preparação*

Carina Muniz

*Revisão*

Marina Nogueira

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

---

Gullar, Ferreira, 1930-2016

Na vertigem do dia / Ferreira Gullar ; prefácio de Alcides Villaça. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2868-6

1. Poesia brasileira I. Villaça, Alcides. II. Título.

17-00674

CDD-869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)


[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](https://twitter.com/ciadasletras)

## **7 Nota**

## **9 Prefácio**

Alcides Villaça

	
27	<b>NA VERTIGEM DO DIA (1980)</b>
29	Minha medida
30	Traduzir-se
32	Arte poética
33	Subversiva
34	Poema obsceno
36	Espera
37	Bananas podres
48	O espelho do guarda-roupa
51	A ventania
54	Cantiga do acaso
56	Bicho urbano
57	ÓVNI
58	Um sorriso

59	Mau cheiro
60	Bananas podres 2
64	Homem sentado
65	Morte de Clarice Lispector
66	O poço dos Medeiros
67	Lições da arquitetura
69	A alegria
70	Ao rés do chão
71	A voz do poeta
72	Primeiros anos
74	Digo sim
76	Improviso para a moça do circo
82	Improviso ordinário sobre a Cidade Maravilhosa

---

91	<b>Sobre o autor</b>
----	----------------------

## Nota

Desta edição de *Na vertigem do dia* foram excluídos oito poemas, já publicados em *Dentro da noite veloz*, a partir de sua terceira edição. São os seguintes: “Passeio em Lima”, “Dois poemas chilenos”, “Cantiga para não morrer”, “Exílio”, “Vestibular”, “Vendo a noite”, “Boato” e “Uma voz”.



**NA VERTIGEM  
DO DIA  
(1980)**

## Minha medida

Meu espaço é o dia  
de braços abertos  
tocando a fimbria de uma e outra noite  
o dia  
que gira  
colado ao planeta  
e que sustenta numa das mãos a aurora  
e na outra  
um crepúsculo de Buenos Aires

Meu espaço, cara,  
é o dia terrestre  
quer o conduzam os pássaros do mar  
ou os comboios da Estrada de Ferro Central do Brasil  
o dia  
medido mais pelo meu pulso  
do que  
pelo meu relógio de pulso

Meu espaço — desmedido —  
é o pessoal aí, é nossa  
gente,  
de braços abertos tocando a fimbria  
de uma e outra fome,  
o povo, cara,  
que numa das mãos sustenta a festa  
e na outra  
uma bomba de tempo

## Traduzir-se

Uma parte de mim  
é todo mundo;  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.

Uma parte de mim  
é multidão;  
outra parte estranheza  
e solidão.

Uma parte de mim  
pesa, pondera;  
outra parte  
delira.

Uma parte de mim  
almoça e janta;  
outra parte  
se espanta.

Uma parte de mim  
é permanente;  
outra parte  
se sabe de repente.

Uma parte de mim  
é só vertigem;

outra parte,  
linguagem.

Traduzir uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
de vida ou morte —  
será arte?

## Arte poética

Não quero morrer não quero  
apodrecer no poema

que o cadáver de minhas tardes  
não venha feder em tua manhã feliz

                  e o lume  
que tua boca acenda acaso das palavras  
— ainda que nascido da morte —  
                  some-se  
                  aos outros fogos do dia  
aos barulhos da casa e da avenida  
                  no presente veloz

Nada que se pareça  
a pássaro empalhado múmia  
de flor  
dentro do livro  
                  e o que da noite volte  
volte em chamas  
                  ou em chaga  
                  vertiginosamente como o jasmim  
que num lampejo só  
ilumina a cidade inteira

## Subversiva

A poesia  
quando chega  
                    não respeita nada.  
Nem pai nem mãe.  
                    Quando ela chega  
de qualquer de seus abismos  
desconhece o Estado e a Sociedade Civil  
infringe o Código de Águas  
                                    relincha  
como puta  
            nova  
            em frente ao Palácio da Alvorada.

E só depois  
reconsidera: beija  
            nos olhos os que ganham mal  
            embala no colo  
            os que têm sede de felicidade  
            e de justiça

E promete incendiar o país

## Poema obsceno

Façam a festa  
cantem dancem  
que eu faço o poema duro  
o poema-murro  
sujo  
como a miséria brasileira

Não se detenham:  
façam a festa

Bethânia Martinho  
Clementina

Estação Primeira de Mangueira Salgueiro  
gente de Vila Isabel e Madureira

todos  
façam

a festa  
enquanto eu soco este pilão  
este surdo  
poema

que não toca no rádio  
que o povo não cantará  
(mas que nasce dele)

Não se prestará a análises estruturalistas  
Não entrará nas antologias oficiais

Obsceno  
como o salário de um trabalhador aposentado

o poema  
terá o destino dos que habitam o lado escuro do país  
— e espreitam.